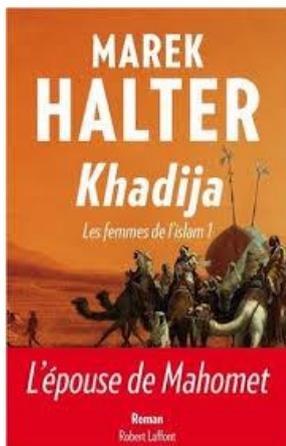




RECENSÕES CRÍTICAS



EVA-MARIA VON KEMNITZ,
**KHADIJA. A MULHER DE MAOMÉ (2015), TRADUÇÃO
DE KHADIJA. L'ÉPOUSE DE MAHOMET (2015) DE
MAREK HALTERN**

A (in)compreensão das sociedades árabe-islâmicas deriva de interpretações nem sempre correctas, às vezes tendenciosas, sendo uma delas a abordagem muito crítica da situação subalterna da mulher muçulmana, apontada como uma das principais razões das desigualdades sociais que atingem, assim, a metade da população dessas sociedades. É uma visão corrente, profundamente enraizada nos espíritos ocidentais, mas terá sido sempre assim?

Baseando-se nos factos históricos, a publicação em apreço procura questionar esse entendimento, muito embora se situe no âmbito de romance histórico. *Khadija. A Mulher de Maomé* constitui o primeiro volume da trilogia *Mulheres do Islão*. Acaba de ser publicada a tradução portuguesa do segundo volume *Fátima. A Filha de Maomé* [título do original: *Fatima, La Fille de Mahomet*, Paris: Robert Laffont, 2015], estando anunciado já o terceiro



RECENSÕES CRÍTICAS

volume *Aïcha. A Bem – Amada do Maomé* [título do original: *Aïcha*, Paris: Robert Laffont, 2015].

Khadija. A Mulher de Maomé remete para um período do advento do Islão no início do século VII, enquanto os volumes subsequentes acompanham os primórdios do Islão, abarcando a vida do Profeta Muhammad e dos seus sucessores imediatos.

Nesse contexto de uma verdadeira revolução religiosa e sócio política destaca-se a figura central de Khadija bint Khuwaylid (555?–620), oriunda da mais importante tribo de Meca, a dos Quraysh e viúva de um rico comerciante de Meca e que depois da morte do marido, assume a condução dos negócios, multiplicando a fortuna. É uma mulher independente, consciente do seu poder e dos seus atributos de inteligência e de beleza.

As caravanas que levam e trazem as mercadorias são conduzidas por homens e Khadija acaba de contratar mais um, Mohammad ibn Abdallah, um órfão, recomendado pelo seu tutor. Este, pelo seu mérito, vai conquistando reconhecimento e confiança. Passados uns anos, Khadija propõe-lhe casamento, o que ele aceita. De "*homem insignificante*" passa a ser, graças à posição social da Khadija, um dos homens influentes em Meca.

Meca, na altura, era um importante centro de comércio onde convergiam rotas que conduziam ao Oriente, à África, à Síria e ao Yemen e por onde circulavam mercadorias, pessoas de várias religiões, incluindo cristãos e judeus, ao lado de politeístas, predominantes naquele tempo na Arábia. Circulavam também as ideias, estando prestes a brotar uma nova, a de um novo monoteísmo, o Islão, transmitido à humanidade pelo Profeta Muhammad, Muhammad ibn Abdallah, marido da Khadija bint Khuwaylid. O advento desta nova religião e a sua posterior expansão alterou os destinos da Arábia primeiro, e depois de largas partes da Ásia, África e Europa. Actualmente, o Islão está, de novo, em enfoque por razões que num mundo globalizado dizem respeito a todos.



RECENSÕES CRÍTICAS

Enquanto mulher, Khadija voltou a encontrar felicidade nesse já terceiro casamento, sendo amada e estimada. Muito embora fosse corrente os homens da Arábia praticarem a poligamia, Khadija permaneceu durante 25 anos de casamento como a primeira e única mulher de Mohammad. Foi mãe de quatro filhas e de dois filhos, falecidos ainda crianças, mas o que a faz ocupar um lugar especial na história do Islão foi ter sido a primeira a acreditar na revelação que Muhammad ibn Abdallah ia recebendo. Khadija foi a primeira mulher a abraçar o Islão, sendo, por isso, considerada a "Mãe dos crentes". Passou a encarnar um modelo de comportamento, de devoção e generosidade para outras muçulmanas. Em particular, as mulheres de hoje encontram nela um modelo de mulher activa e lutadora.

Uma recente biografia *Khadija* (2007) da autoria de Resit Haylamaz sublinha o seu papel de liderança nas primeiras horas difíceis da afirmação do Islão, ecoando esta imagem num outro estudo *Untold: A History of the Wives of the Prophet Muhammad* (2010) de Tamam Khan.

A excepcionalidade de Khadija, frequentemente referida como Khadija al-Kubra ou Khadija a Grande, reside no facto de ter sido mulher do Profeta Muhammad e no apoio incondicional que lhe deu ao acreditar e apoiar com coragem e determinação a sua missão profética nas condições adversas.

Porém, é mister ter presente que no tempo dela houve outras mulheres que se notabilizaram pela participação na vida literária e política, mas depois a história escrita por homens, apagou essa memória. Também várias mulheres do círculo familiar do Profeta, outras mulheres, a filha Fátima e mais tarde uma das netas desempenharam o papel de relevo. Estudos recentes, alguns da autoria de mulheres, restituem essa consciência como, por exemplo, *Le harem politique. Le Prophete et les femmes* (1987) de Fatema Mernissi, socióloga marroquina ou ainda *Loin de Médine* (1991) da escritora argelina Assia Djebar, bem como *The Scimitar and the Veil: Extraordinary Women of Islam* (2004) da estudiosa americana Jennifer Heath, sendo testemunhos de outras posturas de mulheres.



RECENSÕES CRÍTICAS

A narrativa desenvolvida em *Khadija. A Mulher de Maomé* segue factos históricos, reconstruindo o panorama sócio-religioso vigente em Meca, focando costumes, rituais e peregrinações, rivalidades entre diversos clãs. Caracteriza bem o ambiente propício para surgimento de ideias monoteístas, já conhecidas através dos contactos com judeus e cristãos e através da existência de homens entregues à meditação e ascetismo, no caso representado por um parente da Khadija, o *hanif* Waraqa ibn Nawfal, uma personagem real. No que respeita à relação de Khadija e Muhammad ibn Abdallah, o autor privilegia aspectos de foro afectivo e familiar. A Revelação que se manifesta ao longo de anos, as dúvidas que assaltam Muhammad, estão resumidas no livro nos últimos capítulos que a licença literária permite, criando simultaneamente curiosidade para a história que outros volumes irão desvendar.

O trabalho da tradutora afigura-se meritório no cuidado que teve a transpor para a língua de Camões ideias e conceitos próprios de uma religião e cultura distintas. Certamente, por lapso, que o nome de uma das filhas de Khadija aparece sempre grafado "Ruqalya" em vez de "Ruqayya".

O autor, Marek Halter, cuja infância decorreu no gueto de Varsóvia, conheceu - durante um internamento imposto - um país muçulmano, o Uzbequistão. Desde os anos 50, reside em Paris. Na sua vasta obra, escrita em Francês, retratou várias personagens históricas, entre outros, Jesus e as mulheres da Bíblia, demonstrando um sentido crítico e empenho em combater manifestações de antisemitismo e atitudes de preconceito relativamente a outras maneiras de encarar o mundo.

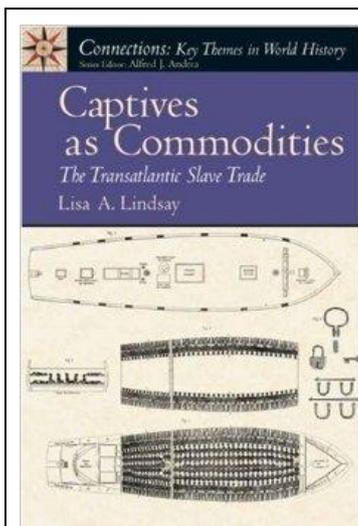
O formato de romance histórico da trilogia de *Mulheres do Islão* de que *Khadija. A Mulher de Maomé* constitui a primeira parte, é capaz de suscitar um maior interesse e exercer um impacto significativo junto de um público mais alargado do que um estudo de cariz académico, pela sua natureza acessível apenas a um número restrito de leitores. Por isso, é de esperar que este livro seja oportuno para questionar as ideias preconcebidas acerca do Islão, contribuindo para promover um olhar despido de preconceito, tornando-se num



RECENSÕES CRÍTICAS

antídoto ao banho mediático de todos os dias, propagando exclusivamente uma imagem negativa do Islão. No contexto presente em que o espectro do islamismo, por muitos erroneamente equacionado com o Islão, *Khadija. A Mulher de Maomé* poderá ter um papel positivo nesse combate de ideias.

Eva-Maria von Kemnitz



RASHEED J. ATWATER,
CAPTIVES AS COMMODITIES: THE
TRANSATLANTIC SLAVE (2008),
L. A. LINDSAY

Lisa A. Lindsay's *Captives as Commodities: The Transatlantic Slave Trade* gives answers to two questions: Why did Europeans buy slaves? And why did Africans sell slaves? Through the course of the first two chapters of her book she answers the first questions for the most part accurately, and then answers the second question with debatable and inaccurate